

Desconstruindo Brasília:

Uma reflexão sobre a as crônicas *Brasília e Brasília: Esplendor*, de Clarice Lispector

Autora: Daniela Spinelli¹
UNICAMP/ CNPQ

Resumo:

Esse trabalho tem por objeto primeiro de investigação são as crônicas *Brasília e Brasília: Esplendor*, de Clarice Lispector publicadas no livro *Para Não Esquecer* (1999). Pretende-se compreender a frustração da escritora ao conhecer de perto o projeto máximo do modernismo e de modernização nacional, isto é a construção da cidade de Brasília e analisar, a tentativa de Clarice Lispector de figurar, no plano ficcional uma crítica aos impasses, limites e alcances da modernização brasileira.

Palavras-Chave: Clarice Lispector, Modernismo, Brasília

Clarice Lispector visitou a cidade de Brasília duas vezes, a primeira, em 1962, e a segunda em 1974. Nas duas viagens sentiu a necessidade de pela escrita, “vomitar”, suas impressões e o julgamento desacreditado a respeito da nova capital do Brasil, símbolo máximo de uma geração que acreditava ser possível a superação de nossas mazelas a partir da modernização. O resultado desse movimento é surpreendente: as crônicas *Brasília e Brasília: Esplendor* são relatos acometidos por uma moléstia devastadora, cujo efeito, sensível para o leitor, é uma verdadeira “epifania da realidade”.

Vejamos, portanto, *Brasília*:

Quando a noite veio percebi com horror que era inútil: onde eu tivesse eu seria vista. O que me apavora é: vista por quem? – Foi construída sem lugar para ratos. Toda uma parte nossa, pior, exatamente a que tem horror de ratos, essa parte não tem lugar em Brasília. Eles quiseram negar que a gente não presta. Construção com estaco calculado para as nuvens. O inferno me entende melhor. Mas os ratos, todos muito grandes, estão invadindo. Essa é a manchete invisível nos jornais. – Aqui eu tenho medo. – A construção de Brasília: a de um Estado totalitário. – Este grande silêncio visual que eu amo. Também a minha insônia teria criado esta paz do nunca. Também eu, como eles dois que são monges, meditando nesse deserto. (...) – Tudo é hoje apenas. Só Deus sabe o que acontecerá em Brasília. É o perfil imóvel de uma coisa. – De minha insônia olho pela janela do hotel às três horas da madrugada. Brasília é a paisagem da

¹ Daniela Spinelli pertence ao Grupo de Estudos “Utopia e Renascimento” e ao Centro de Estudos Utópicos U-TOPOS, dirigidos pelo prof. Carlos Eduardo Ornelas Berriel junto ao Instituto de Estudos da Linguagem (Universidade Estadual de Campinas). Nesta universidade e com a orientação deste professor faz seu doutorado sobre a obra *Marco Zero*, de Oswald de Andrade. É bolsista do CNPQ.

insônia. Nunca adormece. – Aqui o ser orgânico não se deteriora. Petrifica-se. (LISPECTOR, 1999, pp. 41-43)

O timbre seco e melancólico da narração pauta as imagens a respeito de Brasília e do deserto em que a nova capital da federação se encontra. O concreto armado das construções da capital e o clima seco do cerrado parecem fazer parte desse projeto, cuja característica principal, tal qual sugere o texto de Clarice Lispector, era construir muralhas sólidas para proteger Brasília de tudo que pudesse maculá-la. O temor vem dos ratos, contra eles é que a cidade moderna, traçada com régua e compasso, deveria resistir. Todavia, a ironia. Construída para abrigar aqueles que não ratos, Brasília cedeu e pôs-se em ruína. Os ratos grandes invadiram-na e, com isso, mais uma vez, o projeto de modernização brasileira, materializado na cidade-avião, não se fez.

É possível, diante desse quadro, atribuir ao texto de Clarice Lispector um certo caráter pessimista e ranheta, muito distante da euforia de quem vivenciava o nascimento das grandes metrópoles do Sudoeste Brasileiro, da diversificação dos bens de consumo e, sobretudo, do acesso “democrático” aos meios de comunicação de massa. A postura irritada de *Brasília* é injustificável para muitas pessoas que viveram o processo de modernização no Brasil, na segunda metade do século XX. Afinal, e essa parece ser uma das questões levantadas pela obra de Clarice Lispector, será possível resistir ao fascínio provocado pelas vitrines, prateleiras e outdoors? Para responder a essa pergunta, é necessário investigar em que consiste, de fato, a simbologia dos ratos na elaboração da crônica. Isso porque a narrativa de *Brasília* não permite qualquer ilusão frente à cidade-avião. As manchetes invisíveis dos jornais anunciam-lhe os roedores. Por mais idealizada e sonhada, a nova capital não conseguiu, de acordo com Clarice Lispector, deixar de corroer-se por uma realidade que macula o ideal. Quem representa essa realidade destruidora de sonhos, na crônica da autora, são os ratos esfomeados. Já no plano da interpretação, é possível que os ratos sejam uma espécie de alegoria do processo de modernização brasileira, dos pactos entre as forças progressistas e conservadoras, entre o moderno e o arcaico, entre a utopia e o atraso.

O fato é que somente poderemos dimensionar quais valores são atribuídos pela escritora ao embate entre os ratos e o projeto representado pela cidade-avião, caso compreendamos a nova capital como o símbolo maior da luta de muitas gerações de intelectuais e artistas modernos pela superação do atraso que nos constituiu como nação². Daí ser ingênuo apenas

² O crítico Gilberto Figueiredo Martins (2002, pp. 159–160) parece apontar uma nova perspectiva para a fortuna crítica de Clarice Lispector quando insere uma reflexão sobre a construção de Brasília na obra da autora: “Em seus depoimentos, JK, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa reafirmam cessar o substrato idealista e idealizante que os movia no planejamento e erguimento da Nova Capital: pareciam realmente acreditar que, planejando e construindo uma cidade nova, dariam um salto sobre o atraso e poderiam garantir, como reflexo, uma organização social também nova, mais igualitária e democrática, a qual instituiria definitivamente a modernidade desde o coração do país, de onde naturalmente se irradiaria por todo o território nacional. [...] A construção de Brasília revestiu-se, portanto – como

incensar a genialidade dos responsáveis por Brasília, sem compreender a sua obra como uma espécie de desaguadouro de uma herança de crença na nossa capacidade de romper o círculo vicioso de nossa miséria, arduamente construída ao longo da primeira metade do século XX³. Estabelecer, portanto, a nova capital da federação como um ponto agudo da tentativa de rompimento do mecanismo de reiteração do mesmo nos leva, invariavelmente, para uma encruzilhada. Isso porque, no Brasil, não há história, uma vez que o mesmo, sempre se repondo não corresponde, completamente, aos fatos⁴. Afinal, não é possível negar que houve modificações econômicas, políticas e culturais no país desde as “reformas” modernas do final do século XIX. Todavia, atribuir a tais acontecimentos de nossa história um caráter histórico é ignorar o moto-contínuo de nossa sociabilidade. Logo, é preciso achar uma chave de leitura capaz de comungar essa *esquizofrenia* da constituição simbólica brasileira.

A produção estética brasileira, pelo menos a sua melhor parte, teve de posicionar-se frente a essa matéria histórica, de caráter movediço e disforme. No caso de Clarice Lispector é necessário frisar que também sua escrita foi influenciada pelas circunstâncias de nossa sociedade. As imagens que anunciam a nação brasileira aparecem, mais de uma vez, na obra da escritora. É verdade que, nem sempre, a chave de leitura se repete. Há, pois, no percurso de constituição da obra um movimento de ampliação do diâmetro do círculo, com o que novas formulações de problemas já conhecidos ganham coloração rejuvenescida. É justamente essa operação de ampliação que nos leva a compreender a obra de Clarice Lispector, quando o tema encerra-se nos limites do Brasil, visto a partir de suas fronteiras culturais, políticas e econômicas, capaz de multifacetar as imagens e as suas considerações. Ainda que houvesse certa variação de grau e qualidade no tratamento formal conferido pela escritora, cujo mundo serviu de inspiração a sua literatura ao longo de 30 anos de produção, parece correto afirmar que *Brasília* é um texto que pode fornecer importante material para a compreensão das peculiaridades de sua produção literária. Isso porque tanto o tema da crônica como o modo pelo qual ele é tratado e compreendido pela escritora trazem para o centro do debate o processo de

projeto civilizatório concentrado em um plano desiderativo -, de carga eufórica aproximada do entusiasmo épico: erguendo-se uma nova capital, desenhava-se no planalto central a possibilidade de um novo país”.

³ Conforme Gilberto Figueiredo Martins (2002): “Concretizada, operando a síntese das artes numa conjunção perfeita entre Arquitetura, Urbanismo e Escultura, a capital resolveria também, simbólica e efetivamente, conflitos ideológicos fundamentais e insolúveis, resultando em uma espécie de sinfonia de relações e contradições históricas. Representação totalizadora da harmonia possuída e momento da integração nacional consumada, a cidade apresentava-se como simulacro de síntese, paisagem do desejo, espaço organizado e poetizado da vivência de uma solidariedade radical onde a sobrevivência ditosa se faria possível e no qual se desenvolveria uma sociedade sonhada radialmente em outra.(...) Racionalizada e concebida como Obra de Arte civilizadora, a capital de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer era o protótipo da cidade sadia, ideada para se opor à metrópole pletórica e para instaurar uma ordem social justa e definitiva”.

⁴ Mais uma vez recorro a Gilberto Figueiredo Martins (2002, p. 178): “A autora encenará a representação imagética da cidade recorrendo, dentre outras estratégias, ao mito sagrado, recriando **uma história nada histórica** (*grifo meu*), na tentativa de voltar à origem – explicar os mistérios da cidade-ilha. (...) Clarice Lispector instrumentaliza, portanto, as estruturas fundamentais de entendimento integrado que o mito proporciona, na tentativa de abarcar o sentido da cidade, seu valor e significados superlativos. Busca no mito de origem a origem do mito de Brasília. Estrutura-irmã de forma utópica, o mito é também formulação imaginária, representação totalizadora, espécie de utopia regressiva que quer revelar narrativa e figurativamente processos constitutivos do real.”

modernização brasileira a partir da construção da nova capital. Avaliar as peculiaridades desse projeto, as suas fraquezas e as vicissitudes pode, de fato, auxiliar-nos na análise de *A Hora da Estrela*.

No trecho citado da crônica, por exemplo, há um momento em que tais tensões se transformam no centro da representação literária. Quando a narrativa anuncia os arquitetos do projeto da nova capital federal, ela o faz sem que Lúcio Costa e Oscar Niemayer recebam qualquer atribuição que lhes possa conferir o grau de sujeito. Por mais que a cidade-avião tenha nascido da imaginação deles e que o cerrado inóspito tenha sido vencido pelo concreto armado, há algo que desfalece e impede que o destino esteja nas mãos dos dois criadores. Há certa ironia no modo de Clarice Lispector compreender essa tensão, constituída pelo encontro de duas frentes: de um lado, o desejo de superação imanente ao projeto da nova capital; de outro lado, a percepção de que o sonho não resistirá a demandas oriundas de forças materiais, quase sempre vinculadas ao que é mais conservador e atrasado na sociedade brasileira. A palavra *monges*, por esse prisma, catalisa o tom irônico – e também melancólico – da narrativa. Afinal, imunes ao mundo concreto os dois arquitetos respondem às nuvens pela sua obra; em outras palavras, Brasília nasce do desejo e do sonho, ela nasce pronta.⁵

Clarice Lispector, sabedora desse processo, representa a fragilidade do projeto a partir de um sujeito voraz: os ratos. Há algo de escatológico, de imundo nos roedores, que reforça o seu caráter subterrâneo, espécie de oposição radical ao idealismo que envolve a imagem dos dois monges. Essa dicotomia entre puro e impuro, maculado e imaculado surge, mais de uma vez, na obra de Clarice Lispector. O curioso, contudo, é perceber que os termos da polarização não se resolvem em conflito. No caso dessa literatura, nada e ninguém parece resistir às forças do mundo. Daí, o sentimento de que o projeto literário de Clarice Lispector surge como resultante da consciência da escritora face à impotência de qualquer projeto modernizador que, não contemple a reposição do atraso. Quase é possível ouvir a escritora sussurrar: contra o sonho, a realidade; contra o projeto, a matéria.

Em *Brasília*, essa corrosão da tentativa de modernização é simbolizada pela percepção de que não será possível cumprir a promessa de que a nova capital possa orientar o país para além da sombra produzida pelas varandas das casas-grandes. Na composição da crônica, alguns elementos apontam, no trato da escritora com as metáforas, para um estado de descrença face ao futuro. Talvez, a imagem mais incisiva desse processo seja dada pelo *deserto*. Construída para resistir à aridez do cerrado, Brasília parece sucumbir-lhe. Afinal, o que adianta ter uma cidade elaborada, erguida sobre o traço mais moderno cujas referências à dimensão pública da cidadania constituem o norte da bússola do seu projeto, se nas suas entranhas é o arcaico que se impõe? Ora, se nada fica imune aos ratos, algo de totalitário se anuncia. Mas o quê? Cremos ser

⁵ Conforme Gilberto Figueiredo Martins (2002), no capítulo *Brasília: crônica utopia* da tese *Alter(c) idades – um exercício de escalas*.

justamente a relação entre o círculo demoníaco do atraso e as peculiaridades de nossa sociabilidade o marco do amadurecimento dessa literatura. Da paralisia nascida da compreensão de Brasília, surge uma escrita capaz de identificar qual o tamanho e a espessura do obstáculo a enfrentar.

Certamente, estamos diante de um sentimento de impotência frente ao projeto de modernização, levado pela escritora ao terreno do sonho de nefelibatas. Se a impotência é absoluta, os ratos são representações de uma totalidade que, nesse caso, é sempre dado pela reposição do atraso. Daí, a totalidade ser compreendida, pela escritora, a partir de uma dimensão de eternidade. Corrosiva, absoluta e hegemônica, a corja de ratos destrói o projeto e a esperança de superação de nossas mazelas. *Brasília* representa, por essa perspectiva, uma espécie de percepção da fragilidade do sonho de modernização em terra pátria. Afinal, aqui, parece que os ratos roem tudo, destroem a integridade das coisas com sua fome desmedida. O curioso é que os ratos, nessa crônica, também são alegorias da catástrofe desencadeada pelo golpe militar, pela compreensão dos vícios de nossa vida política, toda ela composta por um poder que jamais contenta aqueles que dele se servem. Foi assim na Guanabara e também será assim em Brasília. Essa contaminação não é exclusiva dos espaços onde se fundaram as nossas capitais. Ela opera, na crônica, num registro muito corrosivo e violento, uma vez que, através dela, percebemos que o sonho dos dois monges não estava imune aos grandes ratos.

O impressionante nessa crônica é que Clarice Lispector não se deixa levar pela sedução do projeto corporificado por Brasília. Há, pois, na narrativa, uma espécie de tom de desaprovação à elaboração de algo que não possui raízes na própria terra, nas entranhas do cerrado do Planalto Central. Por essa perspectiva, Clarice Lispector parece alheia à euforia moderna, ora porque o seu temperamento circunspeto não lhe permitia deixar-se levar por promessas e esperanças de redenção, ora porque a percepção das mazelas de nosso país, especialmente no que tange à manutenção das forças do atraso no âmbito do poder constituído, deixava a atenção da escritora sempre alerta. Afinal, *o inferno me entende melhor*. (LISPECTOR, 1999, p. 41)

A imagem do inferno, evocada aqui num tom de cumplicidade da cronista com o lugar da danação, não deve ser ignorada por nossa leitura. O movimento da escrita e como o encadeamento das imagens de *Brasília* permitem à narradora estabelecer-se numa espécie de ambivalência estrutural: de um lado, é aquela que vê, julga e assevera sobre o mundo; de outro lado, o preço da consciência é danar, sem pares e leitores capazes de compreender o que ela diz. Uma Cassandra moderna. Há, por detrás da queixa, um gozo pela capacidade de ver o que o “outro” não enxerga. Quando vista por esse ângulo, a crônica parece filiar-se a uma linhagem de

obras de autores modernos que, como Clarice Lispector, vivenciaram tal ambivalência, possivelmente, do papel do escritor nos últimos dois séculos.⁶

Se as impressões de Clarice Lispector sobre a cidade são aterrorizantes, isso ocorre porque ela não suporta sua construção artificial, *sem lugar para ratos*, eterna. Insônia e eternidade confundem-se na representação da consolidação de um governo totalitário. Sabe-se que a construção de Brasília animou as esperanças brasileiras. Afinal, o ideário que orientou o projeto da nova capital é o mesmo que via na cidade-avião o início de um novo país. A posição geográfica calculada exatamente no coração do Brasil ambicionava ser o ponto desencadeador da modernização, isto é, *Brasília* nasceu para espalhar o progresso pelo país. Como se jogasse um balde de água fria, Clarice Lispector lembra-nos que a assepsia do mármore branco não seria capaz de resistir à invasão que se anunciava. Isso porque *ratos muito grandes invadem Brasília*.

É preciso, pois, não esquecermos que a imagem dos roedores será evocada em outros momentos da produção da escritora, também como sintoma da degradação. Se, em *Brasília*, a degradação é institucional, isto é, do próprio país, no último romance de Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*, a degradação ocorre no circuito da personagem de Macabéa. Quando vemos a cena em que Rodrigo S.M. descreve o lugar onde Macabéa mora, a imagem dos ratos volta ao primeiro plano da narração. Vejamos a cena:

O quarto ficava num velho sobrado colonial da rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro. (...) Rua do Acre. Mas que lugar. **Os ratos gordos da rua do Acre.** (*grifo meu*) Lá é que não piso pois tenho terror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço de vida imunda. (p. 30)

Diferente de Brasília, esse trecho processa um deslocamento da imagem dos ratos, possivelmente, ocorrido em razão da substituição do narrador da crônica pelo narrador da classe alta carioca, Rodrigo S.M.. Se n' *A Hora da Estrela* a degradação é vista como sinônimo da miséria social, insuportável para quem bebe vinho branco e come morangos durante os dias quentes do Rio de Janeiro, em *Brasília*, a degradação está vinculada ao atraso social e econômico da nossa sociedade, sempre enraizado nas estruturas de poder na nação. Há uma lição apreendida por Clarice Lispector quando comparamos os textos. Afinal, a narrativa responde a circunstâncias sociais e culturais, de modo que a linguagem opera um recorte frente à realidade de acordo com o universo simbólico que orienta o olhar do narrador. A substituição dos ratos como índices da degradação do projeto salvacionista, pela identificação da miséria

⁶ Portanto essa característica não é exclusiva da escrita de Clarice Lispector. São inúmeros os exemplos da caracterização do papel do escritor moderno na literatura nacional e estrangeira; no caso, recorro à imagem projetada por Charles Baudelaire (2006, p. 18) no poema "Albatroz", da obra *As Flores do Mal*: "O poeta é semelhante ao príncipe do céu/ Que do arqueiro ri e da tormenta no ar/ Exilado na terra e em meio do escarcéu/ As asas de gigante impedem-no de andar."

com os roedores auxilia-nos a compreender o grau de apequenamento que a sociedade brasileira viveu ao longo da segunda metade do século XX. À medida que o progresso técnico se consolidava nas grandes cidades com a transformação da paisagem urbana, mais distantes ficávamos das promessas de emancipação e liberdade que a modernidade nos fez. E isso Clarice Lispector sabia como poucos. *A Hora da Estrela* é, por essa perspectiva, uma resposta, amarga e desiludida, contra o rumo dos acontecimentos, contra a desfaçatez de classe e, sobretudo, contra os ratos que nada poupam.

Aquilo que *Brasília* encena, isto é, uma espécie de tomada de consciência dos problemas iminentes à modernização brasileira, ela mesma repleta de ratos, será revista, agora, em outra latitude no romance *A Hora da Estrela*. Isso porque a matéria ficcional, seja na crônica analisada ou no romance que narra a história de Macabéa, aderente ao mundo que lhe serviu de inspiração, teve de haver-se com essa estrutura demoníaca, ensimesmada e carente de um *telos* que lhe afigurasse saída. A diferença entre um texto e outro se revela quando percebemos que, em *Brasília*, a narração parece completamente segura do julgamento realizado sobre o mundo, ao passo que, n' *A Hora da Estrela*, o próprio julgamento é contaminado pela fragmentação da matéria social, de modo que ela se transforma também em alvo da representação. Possivelmente, tal diferença seja passível de ser explicada pelas peculiaridades dos gêneros crônica e romance. Se neste a inclinação ficcional permite desdobrar a narração sobre ela mesma, numa espécie de metalinguagem da experiência literária, naquela o olhar do escritor, aos pés do chão da vida cotidiana, obriga-o a posicionar-se frente àquilo que vê.

Há uma operação que é fundamental para a organização do último livro de Clarice Lispector e que permite ao romance figurar a dificuldade de arquitetar uma narração capaz de contemplar a totalidade da matéria. Essa operação, pois, é a criação de um narrador personagem, enraizado numa posição de classe, com a qual ele tem de haver-se sempre que narra a trajetória de Macabéa. O curioso é verificar que, ao criar Rodrigo S.M. e, desse modo, dimensionar as limitações do ponto de vista, Clarice Lispector encena uma estrutura narrativa mais complexa e condizente com o mundo que lhe serve de inspiração, sem abandonar, no entanto, o seu ceticismo frente ao futuro que se anuncia. Se em *Brasília: O esplendor*, a nova capital federal é representada, em certo momento, como *estrela espatifada*, numa espécie de metáfora da desilusão, Macabéa vê o seu momento mais alto, a sua verdadeira *hora de estrela*, no instante em que o Mercedes-Benz amarelo a atropela.

Esse novo grau de tensão da forma ficcional, verificado no conjunto de textos que compõe a obra de Clarice Lispector, contaminou a narrativa de *A Hora da Estrela*, de modo a interferir na disposição dos desejos e características daqueles personagens que, à própria sorte, destituíam-se de suas particularidades para dissolverem-se como projeção artificial. Como vimos na análise da colega de trabalho de Macabéa, Glória, o último romance de Clarice

Lispector contempla uma articulação orgânica entre os elementos que o constituem, na qual cada uma das vozes eleita pela escritora para compor a trajetória da nordestina semi-analfabeta, se revela extensão de seu par. O resultado é um complexo jogo de espelhos cujos reflexos se sobrepõem infinitamente. Não sabemos mais quais são, de fato, os limites que distinguem as personagens. Por isso, as autonomias e individuações, de toda sorte, são varejadas, tal qual tempestade em alto-mar, por uma ventania que impede distinguirmos, com clareza, as possíveis particularidades de cada uma das personagens que compõem *A Hora da Estrela*.

O problema das vozes, quando vistas ao lado do narrador Rodrigo S.M., ruma para uma aparente aporia criada a partir do acirramento do processo de equalização organizador do romance. Em outras palavras: a reprodução das vozes que compõem a trama não é consequência de um problema do foco narrativo, uma vez que o intelectual de classe alta é incapaz de distinguir pessoas na massa de miseráveis? A resposta para essa questão finca raízes na matéria histórica, na dimensão material de nossa experiência social. Por isso Rodrigo S.M. não pode avaliar a massa de miseráveis, que jamais será vista sem o filtro da classe de que faz parte, porque a formação de nossa sociedade, cujas bases se estendem até o pelourinho, não permitir a constituição simbólica ou material de algo que não seja a posição da classe dominante. N'A *Hora da Estrela*, os ratos roem o olhar de Rodrigo S.M. e contaminam seu modo de ver o mundo e de representar Macabéa.

A convivência dos contrários, por isso, não formula conflitos sensíveis ao leitor. Essa disposição da ação no romance, sempre retida pela reposição do igual, obrigou a escritora a resolver uma equação aparentemente impossível, ou seja: construir um enredo em que nada acontecesse e todo movimento fosse substituído pela estagnação da vida e dos desejos. Somente se encontrasse, no âmbito formal, uma solução para o impasse da figuração, Clarice Lispector conseguiria um romance capaz de mimetizar essa ordem das coisas. Em tese, as razões dessa inação, da supressão da vontade e da condição de personagens que se assumem títeres de forças estranhas transformaram-se em um dos principais temas da literatura produzida entre a segunda metade do século XIX e os estertores do XX, no Ocidente, porque a paralisia responde à desilusão da promessa de individuação burguesa, uma vez que ela é posta à prova pelas relações mercantis.

O resultado desse processo, muitas vezes, é sentido pelo recuo da escrita para um terreno simbólico em que o homem não é mais compreendido como sujeito, ciente de sua vida e de suas possibilidades. No escopo da produção estética e intelectual do século XX, de que *A Hora da Estrela* é um dos romances mais representativos, parece-nos, os referenciais culturais incorporados pela escritora para organizar a representação nem sempre são oriundos da expressão material dos acontecimentos. Em outras palavras, aquilo que, talvez, representasse a estagnação e a falência do indivíduo burguês não era procedente do manancial simbólico do

mundo moderno, mas, sim, oriundo do universo mítico e religioso, no qual forças inomináveis condicionavam qualquer manifestação da existência.

Referências Bibliográficas

LISPECTOR, Clarice. *Brasília*. In: **Para Não Esquecer**. 2. ed.. São Paulo: Rocco, 1999, pp. 40-63.

_____. **A Hora da Estrela**. 9. ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. **Alter(c)idades** – Um exercício de escalas (Espaço público, modos de subjetivação e formas de sociabilidade na obra de Clarice Lispector). São Paulo: FFLCH/USP, 2002 (Tese de Doutorado sob orientação do Prof. Dr. Valentim Aparecido Facioli).

_____. *Visões do Esplendor – Esclarecendo Brasília*. In: **CERRADOS** – Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Número 24. Brasília: 2007.

SPINELLI, Daniela. **A Construção da Forma n' A Hora da Estrela, de Clarice Lispector**. São Paulo: PUC/CAPES, 2008. (Dissertação de Mestrado sob orientação da Prof. Dra. Maria Aparecida Junqueira)